

# Hospital do Servidor

## *Sábias palavras, Doutor Ivan!*

Meu primeiro contato com o Hospital do Servidor foi, ao receber meu holerite como médico legista da Polícia, deparar com descontentamento para a construção do Hospital. Anos mais tarde, retornando dos Estados Unidos após residência em Patologia, vi-me desempregado. Na USP, o Mignone, catedrático, cujo filho recusava-se a ser chamado de neto, não me quis. Não achei vaga em Curitiba, nem em Ribeirão. Em São Paulo, recém-inaugurado, lá estava o Hospital do Servidor, apelidado de *O Belo Antonio*, uma alusão ao filme italiano no qual o galã era impotente. Reynaldo Figueiredo, granfiníssimo, genro de banqueiro, me contratou, com a ressalva de eu trazer indicação de um político, ao que retruquei que o único que conhecia era o Gabriel Quadros, pai do Jânio, a quem eu tinha autopsiado na Polícia, com que então fui indicado pelo Chefe da Casa Civil e empossado.

A cúpula era notável. Francisco Morato, líder dos servidores públicos, dirigia o Conselho com mão firme, formado ele pelos médicos Alípio Correa Neto, Titular de Cirurgia das duas faculdades da Capital, Octavio Martins Toledo, do Isolamento, e Habib Carlos Kirilos, da Secretaria. O Diretor Clínico, Nemésio Bailão, trouxe para cá a fina flor do Hospital das Clínicas: Arthur Wolff Netto, na Ginecologia, Waldemar Henrique Cardim, no Berçário, Reynaldo Chiaverini, na Clínica Médica, Eugenio Mauro, na Cirurgia, bem como numerosos ex-residentes, como Angelita Gama, Conceição Mattos Segre, Anói Cordeiro, Hartmut Grabert; dos médicos, trouxe Evaldo Melo e tantos outros.

O desafio era grande, a ser enfrentado pelo entusiasmo e pelo preparo à altura. Em poucos anos, nas décadas de 1960 e 1970, o Hospital do Servidor tornou-se um hospital de ponta. Tinha embutido fatores letais, entretanto, destacando-se a baixa remuneração do corpo clínico, a ausência de carreira, a compra de equipamentos por menor preço, a falta de manutenção especializada e a ausência de conselho científico garantindo os rumos do progresso científico, agravados por administrações dissociadas do corpo clínico.

Certa feita, na evolução do projeto de pesquisa sobre a doença de Chagas em camundongos com o Masayuki Okumura e o residente da primeira turma, de 1967, Antonio Ivan Silva<sup>1</sup>, intelectual e sambista, nos deparamos com o quadro inflamatório hepático, indo buscar socorro no Instituto Biológico, que foi edificado à volta do internacional Rocha Lima, em altíssimo padrão de construção e equipamentos. Não encontrando o titular Paulo Bueno, o *Gebeimrat*, único autorizado a olhar lâminas no Serviço, circulamos pelo prédio. Funcionários desmotivados, pesquisas paradas, abandono geral. Com que o então residente Ivan conjecturou: “Será que o Servidor vai dar nisso?”.

Sábias palavras, Doutor Ivan!

**Luiz Celso Mattosinho França**  
*Titular da Cadeira 4 da Academia de Medicina de São Paulo*

---

<sup>1</sup> O Dr. Antonio Ivan Silva é médico em Pariquera-Açu e Diretor do Sindicato.